

A VIDA AQUI E AGORA

CYNTHIA SWANSON

A VIDA AQUI E AGORA

Tradução de
CLÁUDIA BRITO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2015

*Para os meus pais, Dennis e Audrey Fisher,
com amor e gratidão*

«Confia na tua felicidade e na riqueza da tua vida neste momento.
Elas são tão verdadeiras e fazem tanto parte de ti como tudo o
mais que te aconteceu na vida.»

— KATHERINE ANNE PORTER, *Letters of Katherine Anne Porter*

CAPÍTULO 1

Isto não é o meu quarto.

Onde estou? Ofegante, puxo os lençóis que não reconheço até ao queixo e esforço-me por raciocinar. Mas não me vem à cabeça qualquer explicação para o sítio onde me encontro.

A última coisa de que me lembro é de ser domingo à tarde e de estar a pintar o meu quarto de um amarelo-vivo intenso. Frieda, que se oferecera para ajudar, avaliava a escolha da cor.

— É demasiado alegre para um quarto — disse ela, naquele tom de sabichona que a caracteriza. — Como é que vais conseguir dormir nos dias mais sombrios com um quarto destes?

Mergulhei a trincha na lata de tinta, escorri cuidadosamente o excesso e trepei ao escadote.

— É precisamente essa a ideia — disse eu a Frieda. Inclinei-me para a frente e comecei a pintar à volta da moldura alta e estreita de uma janela.

Não devia lembrar-me do que se passara a seguir? Estranhamente, não me lembro. Não me recordo de ter passado o dia a pintar nem de me afastar depois para admirar a nossa obra antes de arrumarmos tudo. Não me recordo de ter agradecido a Frieda pela ajuda nem de me ter despedido dela. Não me lembro de ter adormecido no quarto pintado da cor do sol, com o cheiro intenso da tinta fresca a encher-me as narinas. Mas tudo isso deve ter acontecido, pois estou aqui deitada. E uma vez que *isto* não é a minha casa, é evidente que ainda estou a dormir.

No entanto, isto não é o género de sonho que costumo ter. As minhas aventuras noturnas pendem mais para o fantástico, para sonhos fora do tempo e do espaço convencionais. A explicação para isto, concluí eu, reside no facto de ler tanto. Já leram *Algo Maligno Vem Aí?* Acabou de chegar às bancas este mês de junho, mas já se diz que vai ser um dos livros mais vendidos de 1962. Ray Bradbury lê-se com imenso prazer. Aconselho o romance a todas as pessoas que entram na livraria que tenho com a Frieda, à procura de qualquer coisa «que agarre mesmo».

— Vai sonhar com isto — garanto aos meus clientes. Uma profecia que se realizou comigo: há duas noites, sonhei que andava atrás de Will Halloway e de Jim Nightshade, os dois jovens protagonistas do livro de Bradbury, quando estes foram atraídos pela chegada do circo a meio da noite a Green Town. Estava a tentar persuadi-los a avançarem com cuidado, mas eles, típicos rapazes de treze anos, ignoraram-me simplesmente. Lembro-me da dificuldade que tive em acompanhá-los, como não conseguia que os meus pés me obedecessem. Will e Jim embrenharam-se nas sombras, as suas formas transformaram-se em pontos negros e acabaram por desaparecer, e eu apenas consegui chorar de frustração.

Portanto, como veem, não sou o género de mulher que sonha com coisas tão simples como acordar no quarto de outra pessoa.

Este quarto com que estou a sonhar é bastante maior e mais elegante do que o meu quarto verdadeiro. As paredes são de um verde cor de salva, nada como o amarelo-vivo que escolhi em minha casa. A mobília é um conjunto de linhas elegantes e modernas. A colcha está impecavelmente dobrada ao fundo da cama; um conjunto de lençóis suaves envolve o meu corpo. É delicioso, ainda que um bocadinho composto demais.

Deslizo para debaixo dos lençóis e fecho os olhos. Tenho a certeza de que, se mantiver os olhos fechados, darei rapidamente por mim a caçar baleias no Pacífico Sul, com roupa um bocadinho encardida e a beber *uísque* com os amigos a bordo do meu barco. Ou a cruzar os céus sobre Las Vegas, com o vento a atirar-me o cabelo contra o rosto e os braços transformados em asas enormes.

Mas nada disso acontece. Em vez disso, ouço a voz de um homem.

— Acorda. Katharyn, amor, acorda.

Abro os olhos e vejo os olhos mais azuis e profundos que já vi na vida.

Volto a fechar os olhos.

Sinto uma mão no ombro, apenas coberto pela alça fina da minha camisa de noite de cetim. Há muito tempo que nenhum homem me toca de forma íntima. Mas algumas sensações são inequívocas, mesmo que sentidas de forma pouco frequente.

Sei que devia estar aterrada. Essa seria a reação apropriada, não é verdade? Mesmo a dormir, é aterrador sentir a mão de um desconhecido pousar-nos sobre a pele nua.

Contudo, curiosamente, sinto um imenso prazer no contacto daquele indivíduo imaginário. O toque é suave mas firme, os seus dedos envolvem o meu braço, o polegar acaricia-me suavemente a pele. Mantenho os olhos fechados e deleito-me com a sensação.

— Katharyn. Por favor, amor. Desculpa acordar-te, mas a Missy está com a testa quente... Está a chamar por ti. Por favor, tens de te levantar.

De olhos fechados, analiso esta informação. Pergunto-me quem será a Missy e porque me deveria preocupar por a testa dela estar quente.

Daquela maneira precipitada em que os acontecimentos ocorrem nos sonhos, os meus pensamentos são substituídos pela letra de uma música que fez furor na rádio há uns anos. Consigo ouvir a melodia, embora não saiba bem as palavras. Era uma música de Rosemary Clooney que falava de estrelas no olhar. Qualquer coisa sobre não deixar que o amor nos faça sofrer. A ideia faz-me sorrir. Mais tola do que estou a ser neste momento seria quase impossível.

Abro os olhos, sento-me na cama e arrependo-me instantaneamente, pois a mudança de posição leva o homem de olhos azuis a retirar a sua mão cálida do meu ombro.

— Quem é? — pergunto-lhe. — Onde estou eu?

Ele olha para mim confuso.

— Estás bem, Katharyn?

Só para que conste, o meu nome *não é* Katharyn. É Kitty.

Está bem, na verdade é Katharyn. Mas nunca gostei do meu nome de batismo. Sempre o achei demasiado normal. *Kath-a-ryn* não está na ponta da língua como *Kitty*. E como os meus pais me brindaram com uma ortografia invulgar num nome normalmente banal, acho uma maçada ter de dar uma explicação sempre que me pedem para soletrar.

— *Acho* que estou bem — digo eu ao Olhos Azuis. — Mas, a sério, não o conheço, nem sei onde estou. Lamento imenso.

Ele sorri e faz cintilar aqueles bonitos faróis. Fora os olhos, tem uma aparência bastante banal. Estatura média, constituição média, um ligeiro pneu à volta da cintura. Cabelo ralo castanho-arruivado, a começar a ficar ligeiramente grisalho. Diria que tem cerca de quarenta anos, uns anos mais do que eu. Inspiro, reparo que ele emana um cheiro a madeira e a sabão, como se tivesse acabado há pouco de fazer a barba e de tomar um duche. Tem um cheiro delicioso, e eu sinto o coração dar um pulo. Santo Deus, será que este sonho se vai tornar ainda *mais* absurdo?

— Devias estar a dormir profundamente, amor — diz ele. — Claro que sabes quem sou. Sou o teu marido. Estás no nosso quarto, na nossa casa. — Ele faz um gesto largo com o braço para indicar o quarto, como que para sublinhar o que disse. — E, neste momento, a nossa filha, que se chama Missy, caso te tenhas esquecido, deve estar com febre e precisa da mãe.

Ele estende-me uma mão. Como que por instinto, enfio a minha mão na dele.

— Pode ser? — implora ele. — Por favor, Katharyn.

Franzo o sobrolho.

— Desculpe, disse que era...?

Ele suspira.

— O teu marido, Katharyn. Sou o teu marido, o Lars.

Lars? Que nome peculiar. Não me lembro de ter conhecido nenhum Lars. Esboço um sorriso, pensando no meu cérebro tão imaginativo. Não podia simplesmente ter produzido um Harry, um Ed ou um Bill? Não, a minha mente tinha de fabricar um marido chamado *Lars*.

— Muito bem — digo eu. — Dá-me só um momento.

Ele aperta-me a mão e solta-a, e inclina-se depois para me dar um beijo no rosto.

— Vou medir-lhe a febre enquanto esperamos por ti.

Ele levanta-se e sai do quarto.

Fecho os olhos novamente. *Agora* tenho a certeza de que o sonho vai mudar.

Mas quando abro os olhos continuo ali. Continuo no quarto verde.

Como não vejo outra alternativa, levanto-me e atravesso o quarto. Com as janelas elevadas por cima da cama, a porta de vidro deslizante que parece dar para uma espécie de pátio e uma espaçosa casa de banho adjacente, deduzo que este quarto, fosse ele real, faria parte de uma residência bastante moderna. Mais moderna e provavelmente maior do que a casa com um só quarto, no edifício com dois andares da década de 1920, que arrendo na zona de Platt Park, em Denver.

Espreito para a casa de banho. As louças são verde-claras, brilhantes e com torneiras cromadas. A comprida bancada do lavatório tem duas bacias, armários de madeira clara e um tampo de fórmica branca com salpicos dourados. O chão de mosaicos é uma combinação fresca de verde-menta, cor de rosa e branco. Não faço ideia se ainda estou em Denver, mas caso esteja, isto não é de certeza a velha zona de Platt Park, onde não se constrói nada desde antes da guerra.

Ao examinar-me ao espelho do toucador, fico à espera de ver uma pessoa completamente diferente; sabe-se lá quem será esta Katharyn... Mas estou exatamente na mesma. Baixa, rechonchuda, com um cabelo louro que se eriça sobre a testa e é encaracolado no resto da cabeça, por mais que vá ao cabeleireiro. Passo os dedos pelo cabelo e reparo que no dedo anelar da minha mão esquerda tenho um anel com um diamante cintilante e uma espessa aliança de ouro. Bem, tinha de ser, penso eu. Que otimista da parte do meu cérebro ter inventado um marido com dinheiro para comprar uma pedra daquele tamanho simpático.

Ao vasculhar o roupeiro, encontro um roupão acolchoado azul-marinho que me serve na perfeição. Aperto-o à volta da cintura, saio para o corredor e vou à procura do homem com o estranho nome de Lars, e de Missy, a sua filha doente.

Na parede à minha frente, posicionada de forma a ser vista do interior do quarto, está uma grande fotografia a cores. Apresenta uma paisagem montanhosa: o sol mergulha sobre o horizonte, os picos são iluminados por trás em tons rosa e dourados. Do lado esquerdo, e a todo o comprimento da fotografia, erguem-se pinheiros. Vivi a vida toda no Colorado, mas não faço ideia onde isto é, nem sequer sei se são as Montanhas Rochosas.

Estou a tentar deslindar este mistério quando alguém me agarra do lado direito pela cintura. Faço um esforço para recuperar o equilíbrio e evitar cair para trás.

— Aul — grito, virando-me para trás. — Não faças isso. Não te pendures! Já não tens idade para te atirares para as pessoas e esperar que te segurem.

Mas o que é isto? Quem é esta mulher que diz estas coisas? Não posso ser eu. Eu nunca diria, nem pensaria sequer, nada que se parecesse com estas palavras.

De olhos postos em mim está um rapazinho. Tem os olhos azuis penetrantes de Lars e o cabelo cortado impecavelmente rente, sem contudo conseguir disfarçar um tufo eriçado arruivado por cima da testa. O seu rosto rosado está bem limpo. Parece saído de um anúncio de leite ou de sorvetes. Sim, ele é mesmo engraçado; reparo que fico um bocadinho derretida ao olhar para ele.

Ele solta-me e pede desculpa.

— Tinha saudades tuas, mamã — diz ele. — Não te via desde ontem.

Estou sem palavras. Depois, recordando a mim mesma que estou a dormir, sorrio ao menino. Inclino-me para a frente e aperto-lhe o ombro. Agora estou a deixar-me ir no sonho. E porque não? Até agora estou a achar isto agradável.

— Leva-me ao pai e à Missy — digo, agarrando na mão suave e rechonchuda da criança.

Percorremos o corredor e subimos meio lanço de escadas. No cimo das escadas fica o quarto de uma menina, com paredes cor de rosa, uma pequena cama de madeira branca e uma estante baixa cheia

de livros de imagens e de animais de peluche. Sentada na cama está outra criança angélica, uma versão feminina do rapaz que me segura na mão. Está com uma expressão infeliz e tem o rosto afogueado. É mais ou menos do mesmo tamanho que o rapaz. Sou péssima a decifrar a idade de crianças, mas diria que eles têm à volta de cinco ou seis anos. Gémeos?

— A mamã está aqui! — diz o rapaz-querubim, trepando para a cama. — A mamã está aqui, Missy, já vais ficar boa.

Missy choraminga. Sento-me ao lado dela e toco-lhe na testa, que está inquietantemente quente.

— Dói-te alguma coisa? — pergunto gentilmente.

Ela inclina-se para mim.

— Dói-me tudo, mamã — diz ela. — Sobretudo a cabeça.

— O papá viu se tinhas febre? — É incrível como estas palavras, estes gestos maternais me saem naturalmente. Sinto-me como uma profissional.

— Sim, ele está a lavar o *termómetro*.

— Termómetro — corrige o querubim. — É termómetro, não *termómetro*.

Ela revira-lhe os olhos.

— Não te metas onde não és chamado, Mitch.

Lars aparece à porta.

— Trinta e oito e três — informa ele.

Não sei bem o que isso significa. Ah, sei que significa que a temperatura dela é 38,3 graus. Mas não sei se tem de tomar medicação, se deve ficar na cama e se pode ou não ir à escola.

Porque não tenho filhos, não sou mãe.

Não quer dizer que nunca tenha desejado filhos. Muito pelo contrário. Era uma daquelas meninas que adoravam bonecos bebés chorões; alimentava-os com biberões de brincar, fingia que lhes mudava as fraldas e passeava-os num minúsculo carrinho de bonecas. Como era filha única, implorava aos meus pais que me dessem um irmão, não por querer ser a irmã mais velha, mas porque queria ser mãe de alguém.

Durante muito tempo, pensei que me casaria com Kevin, o namorado que tive durante toda a faculdade. Ele foi para o teatro de operações do Pacífico em 1943, juntamente com quase todos os outros rapazes que não tinham ido ainda. Eu mantive-me fiel a ele; naquele tempo, as raparigas mantinham-se fiéis. Kevin e eu trocávamos carta atrás de carta. Eu enviava-lhe pacotes com bolachas, peúgas e creme de barbear. Na residência feminina onde estava alojada, espetávamos tachas num mapa do Pacífico Sul, marcando o progresso dos nossos soldadinhos. «A espera é difícil, mas terá valido a pena quando eles regressarem», dizíamos umas às outras. Limpávamos as lágrimas com os lenços quando nos diziam que o amigo de alguém não voltaria. Mas também agradecíamos em silêncio ao céu por não ter sido o *nosso* amigo, daquela vez.

Para meu grande alívio, Kevin regressou incólume da guerra e aparentemente inalterado, ansioso por retomar os estudos de medicina e concretizar o objetivo de se tornar médico. Continuámos a namorar, mas ele nunca chegou a pedir-me em casamento. Éramos convidados para casamento atrás de casamento, e toda a gente perguntava quando é que seria a nossa vez.

— Oh, qualquer dia! — respondia eu, num tom francamente jovial e indiferente.

Kevin limitava-se a mudar de assunto sempre que isto vinha à baila.

Passaram-se anos. Kevin terminou o curso de medicina e começou o estágio. Eu era professora do quinto ano. Mas no que dizia respeito à nossa relação, os anos passavam-se sem alteração. Por fim, senti que tinha de fazer um ultimato. Disse a Kevin que se ele não quisesse tornar a nossa relação permanente, eu queria terminar a relação.

Soltou um suspiro profundo.

— É capaz de ser o melhor — disse.

O seu beijo de despedida foi breve e desapaixionado. Menos de um ano mais tarde, soube que casara com uma enfermeira do hospital onde trabalhava.

Bem, parece evidente que neste mundo com que estou a sonhar, nada disso — os anos desperdiçados, a rejeição indiferente de Kevin — tinha importância. Neste mundo, fui bem-sucedida. *Muito bem, Kitty*, consigo ouvir as minhas amigas da residência a felicitar-me. *Muito bem.*

O pensamento parece-me absurdo, e reprimo uma gargalhada. Mas depois tapo a boca com a mão, mortificada. Isto é um sonho, mas está aqui uma criança doente. Devia agir como deve ser. Devia mostrar-me preocupada, como compete a uma mãe.

Ergo os olhos, e o meu olhar encontra o de Lars. Ele olha-me fixamente com um ar admirado e — estarei a interpretar bem? — com *desejo* no olhar. As pessoas casadas olham mesmo desta maneira umas para as outras? Mesmo a meio de um episódio de febre de um filho?

— Que achas? — pergunta Lars. — Sabes sempre o que fazer nestas situações, Katharyn.

Sei? Que interessante é este sonho. Olho pela janela para o que parece ser uma manhã de inverno. O vidro está gelado e a neve cai com suavidade.

E então, de repente, embora não consiga explicar porquê, *sei* exatamente o que fazer. Ponho-me de pé e vou até à casa de banho. Sei precisamente em que sítio do armário dos remédios vou encontrar o pequeno frasco de plástico com aspirinas *St. Joseph* para crianças. Tiro um copo de papel do distribuidor preso à parede e deito-lhe um pouco de água fria. Abro o armário das toalhas de casa de banho, tiro uma toalha de rosto, molho-a com água fria e torço-a.

Caminhando de forma determinada, levo o remédio, a toalha de rosto e o copo para o quarto de Missy. Aplico-lhe a toalha na testa, pressionando-a suavemente contra a pele quente. Dou-lhe duas aspirinas. Ela engole-as obedientemente e usa a água para as empurrar. Dirige-me um sorriso grato e apoia novamente a cabeça na almofada.

— Agora vamos deixá-la descansar.

Aconchego Missy debaixo dos lençóis e vou buscar alguns livros ilustrados à prateleira dela. Ela começa a folhear *Madeline's Rescue*, um livro da maravilhosa série de livros infantis de Ludwig Bemelmans sobre uma aluna de um colégio interno parisiense chamada Madeline

e as suas onze colegas — a casa coberta de trepadeiras e as raparigas desenhadas com duas linhas direitas. Os dedos de Missy acompanham as palavras em cada página enquanto as repete com uma voz sussurrante e gutural.

Lars aproxima-se e pega-me na mão. Sorrimos os dois à nossa filha e saímos silenciosamente do quarto com o nosso adorável filho ao lado.

Mas então, tão subitamente como começou, o sonho termina.

O despertador na mesa de cabeceira toca de forma estridente. Estendo a mão, de olhos fechados, e carrego com força no botão para o desligar. Abro os olhos, o quarto é amarelo. Estou em casa.